

## Significados da maternidade e paternidade para adolescentes em processo de vulnerabilidade e desfiliação social<sup>I</sup>

### Maternity and paternity meanings for adolescents in vulnerability and social disaffiliation process

### Significados de maternidad y paternidad de adolescentes en proceso de vulnerabilidad y desafilación

Daniela Tavares Gontijo<sup>I</sup>, Marcelo Medeiros<sup>II</sup>

<sup>I</sup> Este artigo é parte integrante da Tese de Doutorado intitulada "Adolescentes com experiência de vida nas ruas: compreendendo os significados da maternidade e paternidade em um contexto de vulnerabilidade/desfiliação social", apresentada e aprovada pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde - Convênio Rede Centro-Oeste (UnB,UFG, UFMS).

<sup>I</sup> Terapeuta Ocupacional. Doutora em Ciências da Saúde. Professora Adjunta, Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Uberaba, MG, Brasil. E-mail: [danielatgontijo@gmail.com](mailto:danielatgontijo@gmail.com).

<sup>II</sup> Enfermeiro, Doutor em Enfermagem. Professor Associado, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, GO, Brasil. E-mail: [marcelo@fen.ufg.br](mailto:marcelo@fen.ufg.br).

#### RESUMO

A existência de adolescentes nas ruas dos grandes centros urbanos reflete as situações de vulnerabilidade e desfiliação social que resultam do processo de marginalização social vivenciado por milhões de pessoas. Para este grupo, as ruas tornam-se o cenário da vida cotidiana onde a descoberta e exercício da sexualidade se concretizam. O objetivo deste estudo foi descrever e analisar os significados de maternidade e paternidade para adolescentes com experiência de vida nas ruas, que vivenciam o processo de vulnerabilidade/desfiliação. Pesquisa social estratégica de abordagem qualitativa, realizada em duas casas de abrigo temporário em uma capital da Região Centro Oeste em 2007. Participaram 13 adolescentes de 12 a 17 anos, com experiência de vida nas ruas. Na coleta dos dados foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas e observação participante. A análise foi conduzida por meio do Método de Interpretação de Sentidos. Os resultados apontam a complexidade que envolve os processos de significação dos fenômenos em estudo. Os significados atribuídos à maternidade e paternidade pelos adolescentes são permeados pelo processo de vulnerabilidade/desfiliação vivenciado cotidianamente, assim como pelas relações de gênero tidas como hegemônicas em nossa sociedade. O estudo traz subsídios para elaboração de ações de promoção de saúde sexual e reprodutiva direcionados para esta população.

**Descritores:** Vulnerabilidade social; Gravidez na adolescência; Menores de rua.

#### ABSTRACT

The adolescents in the streets of large cities existence reflects the vulnerability and disaffiliation social situation that can result a social marginalization process lived by millions of people. Thus the streets may become scenery of life and also of sexuality initiation for adolescent. This study sought to describe and to analyze the meanings of maternity and paternity for adolescents who experienced life in streets and has crossed a vulnerability and disaffiliation process. The method was based on a social strategic qualitative research developed in 2007 at two temporary shelter institutions in a city of the center-west region in Brazil, in which participate 13 adolescents from 12 to 17 years old. Data were collected by semi-structured interview and participant observation and analyzed by the "senses interpretation method". Results point to the inherent complexity of the studied signification process. The attributed meanings for maternity and paternity are permeated by the interpersonal relationship. Thus the results may subsidize the health promotion policy and actions regarding to sexual and reproductive health to this group.

**Descriptors:** Social vulnerability; Pregnancy in adolescence; Homeless youth.

#### RESUMEN

La existencia de adolescentes en las calles de los grandes centros urbanos puede reflectarse en situación de vulnerabilidad y desafilación social las cuales muchas veces resultan en el proceso de marginalización social vivido por millones de personas. Para esto grupo, las calles pueden tornarse uno escenario de vida, descubierta y ejercicio de la sexualidad. El objetivo de esto estudio fue describir y analizar los significados de maternidad y paternidad para adolescentes con experiencia de vida en las calles, que hay experimentado el proceso de vulnerabilidad y desafilación. Pesquisa cualitativa social estratégica, desarrollada en 2007 en dos instituciones de abrigo temporario de una capital del centro oeste brasileño, donde participaron 13 adolescentes entre 12 y 17 años de edad. Los datos fueron colectados por entrevistas semi-estructuradas y observación participante, y analizados por el método de "interpretación de sentidos". Los resultados indicaron la complejidad inherente al proceso de significación de los fenómenos en estudio. Los significados de maternidad y paternidad atribuidos por los adolescentes son permeados en el proceso de vulnerabilidad y desafilación vivido cotidianamente, así como por las relaciones de género comprendidas como hegemónicas en nuestra sociedad. Los resultados indicarán contribuciones a la elaboración de acciones de promoción de salud sexual y reproductiva direccionados a esto grupo.

**Descriptores:** Vulnerabilidad social; Embarazo en adolescencia; Jóvenes sin hogar.

## INTRODUÇÃO

A existência de crianças e adolescentes que fazem das ruas dos grandes centros urbanos seu espaço de vida e sobrevivência reflete o processo de marginalização social vivenciado por milhões de pessoas e grupos sociais em todo o mundo, para os quais está restrito ou completamente negado o acesso aos bens sociais básicos como educação, saúde e trabalho<sup>(1-2)</sup>.

A situação de marginalização social é discutida por Castel<sup>(3)</sup> a partir da identificação da existência de indivíduos considerados "supranumerários" caracterizados pela "situação de flutuação na estrutura social e que povoam seus interstícios sem encontrar aí um lugar designado". A existência destes indivíduos caracteriza um modo de existência social específico, que se configura na interação entre dois eixos associados de forma dinâmica: trabalho e inserção relacional.

O cruzamento destes eixos resulta em quatro zonas de coesão social utilizadas, como um constructo teórico, para a explicação das formas de existência social<sup>(3)</sup>. Conceitualmente, na "zona de integração" encontramos os indivíduos que associam trabalho estável com inserção relacional sólida em grupos familiares e sociais. No outro extremo, na "zona de desfiliação" encontramos a ausência de participação em qualquer atividade produtiva e o isolamento social. Em um ponto intermediário, a "zona de vulnerabilidade" caracteriza-se pela precariedade do trabalho e a fragilidade dos suportes de proximidade. Além disso, encontramos a "zona de assistência" que se configura como uma "zona de dependência segurada e integrada". Nesta zona estão os indivíduos que associam o não trabalho, por incapacidade de trabalhar (idosos, deficientes, crianças) com forte inserção social, providas por mecanismos assistenciais<sup>(2-3)</sup>.

É importante ressaltar que estas zonas se caracterizam como um constructo teórico que pressupõe o dinamismo dos modos de existência social refletido na porosidade das fronteiras entre as zonas (o que permite o movimento do sujeito e/ou grupo entre as zonas) e na possibilidade de compensação de um eixo pelo outro, ou seja, sujeitos fracamente providos economicamente (eixo do trabalho) podem se mostrar fortemente integrados em decorrência da sua inserção relacional<sup>(2-3)</sup>.

Assim, com base neste referencial, entendemos a vulnerabilidade como uma forma de existência social marcada pela fragilidade, em diferentes intensidades, das relações estabelecidas pelos sujeitos no mundo do trabalho e no contexto social mais próximo<sup>(2)</sup>. Esta fragilidade, que pode decorrer tanto da participação destes sujeitos de forma inconstante e aleatória no mundo do trabalho como também pela escassez de relações sociais que lhes sejam significativas e fonte de suporte, pode culminar, através do agravamento destas situações, na situação de desfiliação.

Nestas situações de vulnerabilidade e desfiliação encontramos sujeitos e grupos familiares impelidos ao desenvolvimento de estratégias que lhes garantam a sobrevivência diária em um contexto de privações de ordem econômica e social, limitando possibilidades de transformações em suas vidas<sup>(2)</sup>. Enquanto grupo primário, a família, apresenta-se como o lócus para o estabelecimento de vínculos fundamentais para a possibilidade de pertencimento em outros grupos mais amplos. No entanto, em contextos marcados pela extrema desigualdade social, as famílias têm encontrado dificuldades para cumprir estas

tarefas básicas aos seus membros, em decorrência das situações de vulnerabilidade nas quais se encontram<sup>(1-2)</sup>. Estas dificuldades podem se refletir na busca pelas ruas como um espaço de vida e trabalho pelas crianças e adolescentes<sup>(2)</sup>.

Neste estudo, são considerados adolescentes em situação de rua aqueles que passam a maior parte do seu tempo nas ruas, frequentam instituições destinadas à assistência de pessoas em situação de rua e tem o contato com a família limitado<sup>(3)</sup>. Para este grupo, as ruas se constituem o cenário da vida cotidiana, aonde os constantes ir e vir, a participação em grupos, a violência, o uso de drogas, a busca diária pela sobrevivência, e a descoberta e exercício da sexualidade se concretizam.

No que se refere à descoberta e exercício da sexualidade, diversos autores<sup>(4-6)</sup> discutem que estas experiências são permeadas pelo desconhecimento da dinâmica própria do corpo, aliado à inconstância ou ausência da utilização de métodos de sexo seguro, caracterizando o grupo de adolescentes em situação de rua como um grupo particularmente susceptível à contaminação por doenças sexualmente transmissíveis e à ocorrência da gravidez.

A gravidez na adolescência, considerada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como aquela que ocorre entre os 10 e 19 anos, tem sido tradicionalmente caracterizada, no campo da saúde pública, como um "problema" ou como de "risco" para a(o) adolescente e seu filho<sup>(7)</sup>. No entanto, estudos<sup>(7-8)</sup> têm apontado controvérsias nestas concepções, principalmente, em relação aos processos de significação destas experiências pelos sujeitos que as vivenciam. Nestes estudos<sup>(8-9)</sup> a adolescência, a maternidade e a paternidade são caracterizadas como experiências marcadas por intensas transformações e que assumem contornos específicos de acordo com o contexto histórico, cultural e social no qual se inserem.

Especificamente em relação à ocorrência da gravidez para adolescentes em situação de rua, pesquisadores<sup>(5,9)</sup> apontam que fatores sociais, econômicos e individuais se interrelacionam e influenciam a alta prevalência desta experiência para este grupo. Entre estes fatores destacam-se a violência, pobreza, falta de acesso aos serviços de saúde e educacionais adequados, relacionamentos com parceiros(as) desejo de intimidade e esperança em relação ao futuro<sup>(5,9)</sup>.

No que se refere aos significados atribuídos à gravidez, assim como para o grupo de adolescentes em geral, constata-se a impossibilidade de homogeneização em relação à maternidade e paternidade, sendo estas permeadas por sentimentos contraditórios, nos quais as percepções de perdas, dúvidas, medos e aumento da responsabilidade se mesclam com percepções relacionadas ao estabelecimento de vínculos de afeto, maior reconhecimento social e possibilidade de mudanças na trajetória de vida. Neste sentido, para estas mães, os filhos podem assumir caráter de centralidade na vida destas, sendo propulsores de mudanças positivas e fonte de estabelecimento de relações de afeto genuínas<sup>(9)</sup>.

Finalmente, é importante considerarmos que os processos de significação da maternidade e paternidade se dão também com referências as relações de gênero consideradas hegemônicas em determinado grupo social.

O gênero é compreendido, neste artigo, como constitutivo das relações sociais com base nas diferenças

percebidas entre os sexos e como forma primária de significação das relações de poder<sup>(10)</sup>. Neste sentido, as relações de gênero são consideradas construções sociais nas quais as diferenças sexuais, biológicas e naturais, são percebidas, apropriadas e transformadas em desigualdades.

Em relação à sexualidade, os valores tradicionais, oriundos de uma cultura patriarcal, giram em torno da repressão para as meninas e do incentivo e apoio aos meninos<sup>(10-12)</sup>. Essas visões traduzem as relações de gênero, sustentadas pelo binarismo homem/mulher e pela definição e rigidez de papéis de forma sexista. Nestas concepções, ao homem cabe o domínio do mundo público, a função de provedor moral e material do lar, sendo esperado dele comportamentos que afirmem a sua virilidade sustentada pela violência e heterossexualidade compulsiva. Por outro lado, à mulher é delegado o mundo privado, o cuidado do lar e dos filhos e o estabelecimento das relações afetivas neste contexto<sup>(11-12)</sup>.

Este processo caracteriza o gênero como construção social, que influencia os processos de significação das experiências dos indivíduos, e que muitas vezes, é utilizado para justificar ou naturalizar determinados comportamentos e atitudes sociais, entre eles a sexualidade, a maternidade e a paternidade.

Consideramos que o planejamento e a sistematização das ações de promoção de saúde sexual e reprodutiva, destinadas às(aos) adolescentes que fazem das ruas seu espaço de vida, perpassam pela necessidade de compreensão dos significados que estas(es) atribuem, subjetivamente a estas experiências, de acordo com as diferentes relações de poder que configuram a sua existência social, especialmente, aquelas relacionadas ao gênero e à situação de vulnerabilidade e desfiliação social.

Neste sentido, o objetivo deste estudo foi descrever e analisar os significados de maternidade e paternidade para adolescentes com experiência de vida nas ruas, que vivenciam o processo de vulnerabilidade/desfiliação.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Pesquisa de abordagem qualitativa do tipo social estratégica<sup>(13)</sup>, realizada em duas instituições, caracterizadas como Casas de Passagem, localizadas em uma capital da Região Centro Oeste do Brasil, nas quais os adolescentes do sexo masculino e feminino que vivem nas ruas podem frequentar, realizar a higiene pessoal, dormir e alimentar-se. Nestes locais são realizadas atividades sócio-educativas que, em última instância, objetivam o retorno para a família ou, na impossibilidade disto, o encaminhamento para abrigos ou lares substitutos.

Em relação aos sujeitos participantes da pesquisa, estabelecemos como critérios de inclusão ser adolescente com idade entre 10 e 19 anos, estar frequentando as instituições no momento da coleta de dados e ter tempo de permanência nas ruas superior a seis meses. O número final de participantes foi definido pelo critério de saturação teórica preconizado para pesquisas qualitativas<sup>(13)</sup>.

Os dados foram coletados, no período de janeiro a setembro de 2007, por meio de entrevistas semi-estruturadas individuais, gravadas por meio digital, a partir da utilização de um roteiro no qual abordamos conteúdos relacionados às percepções dos e das adolescentes sobre a maternidade e a paternidade, bem como à ocorrência destas experiências no contexto das ruas. Além das entrevistas, utilizamos como técnicas de coleta de dados a

observação participante e a exploração dos registros sobre a trajetória do(a) adolescente nas unidades, informações sobre a família de origem e encaminhamentos realizados, sendo os dados registrados em um diário de campo<sup>(13)</sup>. Para a realização da coleta de dados, após a autorização do Juizado da Infância e Adolescência para que pudéssemos abordar os(as) adolescentes, estes foram esclarecidos sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, ocasião em que era solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em caso de acordo em participar. As entrevistas foram realizadas em uma sala nas instituições que garantiu a privacidade dos sujeitos.

Os dados obtidos a partir das entrevistas e dos registros no diário de campo foram submetidos ao Método de Interpretação de Sentidos<sup>(14)</sup>. Este método caracteriza-se como um processo de categorização sucessivo, no qual são identificadas as ideias centrais. Estas são agrupadas em núcleos de sentido e posteriormente em categorias temáticas. Após esse processo, os dados empíricos são articulados com o referencial teórico e os objetivos do estudo, resultando em uma síntese interpretativa. Neste processo de análise identificamos duas categorias de análise, sendo que neste artigo discutimos a categoria "Pai apoia, mãe é 24 h".

As falas dos(as) adolescentes quando utilizadas como ilustração neste artigo foram identificadas utilizando a letra F(feminino) ou M(masculino) acompanhada de um número que indica a sequência da realização das entrevistas.

Este artigo é um recorte da pesquisa *Adolescente em Situação de Rua: Compreendendo os Significados da Maternidade e Paternidade em um Contexto de Vulnerabilidade e Desfiliação*, cujo projeto foi aprovado pelo Juizado da Infância e Juventude do Estado de Goiás e do Comitê de Ética do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás (Parecer no. 082/04).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Caracterização dos participantes

No período de realização do estudo, 25 adolescentes frequentavam as instituições que fizeram parte do estudo, sendo que destes 13 (oito do sexo masculino e cinco do sexo feminino) atenderam aos critérios de inclusão e aceitaram participar da pesquisa.

O grupo das meninas (identificados neste artigo como F) foi composto por cinco adolescentes com idade média de 15,4 anos, sendo que a mais nova tinha 14 e a mais velha 17 anos. Quatro garotas relacionam a ida para as ruas, em média, aos 12 anos, a episódios de violência sexual, cometidos por padrasto ou tio, no âmbito familiar. Para uma das adolescentes a ida para as ruas se deu de forma mais precoce (por volta dos 5 anos), pois representa a 4ª geração de uma família que vive em situação de rua. Das cinco adolescentes, uma (F1) tem uma filha de 10 meses e outras duas relatam episódios de abortos, sendo que todas manifestam o desejo de ser mãe.

O grupo dos meninos (identificados como M) foi formado por oito adolescentes, com idade média de 15,8 anos, sendo que o mais novo tinha 12 anos e o mais velho 17 anos. O início da trajetória nas ruas foi identificado em média aos oito anos de idade, sendo a influência de amigos e parentes, a utilização de drogas e o trabalho os principais motivos atribuídos para esta. Neste grupo, dois garotos

relatam serem pais e três descrevem episódios de gravidez que culminaram em aborto ou não se confirmaram.

A seguir apresentamos os dados referentes à análise do conjunto dos dados organizados a partir de uma categoria.

*"Pai apoia, mãe é 24 h"*

Os processos de atribuição de significados acerca da maternidade/paternidade, explícitos nesta categoria de análise, sofrem influência direta das relações de gênero tradicionais em nossa sociedade, bem como se configuram em meio às possibilidades e limitações decorrentes do processo de vulnerabilidade e desfiliação vivenciado pelos atores do estudo.

De uma forma geral, os relatos e as observações que realizamos nos trazem as percepções, sentidos e significados que estes e estas jovens atribuem às suas vivências, que trazem em si a complexidade de ser, tudo ao mesmo tempo, homem ou mulher, adolescente, mãe ou pai, filho ou filha, amigo ou amigo, "menino ou menina de rua", em um contexto que lhes restringe ou amplia diferentes possibilidades de existência social.

Inicialmente, é importante pontuarmos que durante a realização das entrevistas, pudemos observar diferentes reações das(os) adolescentes. De uma forma geral, tivemos uma maior dificuldade para construir o vínculo inicial com as garotas do que com os garotos. Conversando com os educadores das instituições, percebemos que esta dificuldade não é vivenciada somente por nós, pois segundo os mesmos, o estabelecimento da relação de confiança com as garotas é bem mais difícil do que com os garotos. Uma possibilidade interpretativa para este fato é a observação de que os motivos que levam as garotas para as ruas geralmente passam por situações de abuso e violência, provenientes de pessoas com as quais as adolescentes tinham, ou esperavam ter, relações de confiança<sup>(8)</sup>. Além disso, uma vez nas ruas estas meninas também vivenciam relações permeadas pela violência e pelo medo. Estes aspectos podem influenciar a forma como as adolescentes estabelecem novas relações, que passam a adotar uma postura de maior distanciamento, que lhe dêem mais segurança.

No entanto, uma vez estabelecido este vínculo inicial, na maioria das entrevistas, observamos uma maior facilidade e disponibilidade das meninas em nos contar suas percepções e experiências em contraposição aos meninos. Esta disposição se reflete no período de duração das entrevistas (com as meninas em média 80 minutos e com os meninos em média 30 minutos) e na necessidade, de uma maior participação da pesquisadora no que se refere a questionamentos que pudessem nos esclarecer quanto ao objeto de estudo.

Este fato pode estar relacionado às relações de gênero presentes em nossa sociedade, nas quais a expressividade, a refletividade, o falar da própria vida e de suas percepções e sentimentos, são tidos como uma característica inerente às mulheres, em detrimento aos homens<sup>(11)</sup>.

Estas especificidades de gênero no estabelecimento de relações de confiança e na expressividade devem ser consideradas pelos profissionais de saúde durante o planejamento de ações direcionadas a esta população e pressupõem o estabelecimento de diferentes estratégias de intervenção adequadas às especificidades de cada grupo.

Neste sentido, por exemplo, torna-se interessante a utilização de outras formas de comunicação (pictórica, música, corporal) que facilitem, principalmente no grupo dos meninos, a expressão e crítica de suas experiências.

Viver em situação de rua caracteriza, para estes adolescentes o viver na "zona de desfiliação" em virtude de rupturas recorrentes nos eixos da inserção relacional e do trabalho<sup>(3)</sup>. Entendemos que o viver em situação de rua representa o reflexo do processo de vulnerabilização crescente vivenciado por estes jovens e principalmente por suas famílias, que culmina em uma existência social marcada pela desfiliação e pela condição de supranumerário para o qual não se encontra um lugar designado na estrutura social<sup>(2-3,6)</sup>.

Publicação recente<sup>(6)</sup> que discute também dados referentes ao processo de vida nas ruas dos(as) adolescentes que participaram deste estudo, as privações de ordem econômica, a experiência de viverem em diferentes lares, bem como a ausência ou pouca participação das referências maternas e paternas e a pouca vinculação fraterna, caracterizam um padrão de socialização que aumentou a fragilidade do suporte social que deveria ser oferecido pela família, e, contribuíram para o agravamento da vulnerabilidade de todo o conjunto familiar e para a desfiliação de alguns de seus membros<sup>(6)</sup>. Não podemos deixar de considerar que estas famílias, já têm, historicamente, sua trajetória marcada pela vulnerabilidade, na qual observamos a repetição e circularidade de ações (ex. dar os filhos para outras pessoas criarem, inserir crianças no mercado de trabalho) e estratégias, que lhes são conhecidas, e que lhe garantem a sobrevivência.

Sendo assim, acreditamos que a diminuição da busca pelas ruas por crianças e adolescentes perpassa por políticas e ações de fortalecimento do conjunto familiar, associado às políticas no contexto macroestrutural no que se refere ao combate à desigualdade social e de renda, fortalecendo os eixos da inserção relacional e do trabalho, de forma a possibilitar que estas famílias saiam da zona de vulnerabilidade e tenham suas vidas estruturadas na zona de inclusão social.

Associado ao contexto de vulnerabilidade e desfiliação social, as relações de gênero têm influência significativa no cotidiano dos adolescentes. De uma forma geral, foi possível constatar a valorização de concepções de gênero hegemônicas no Brasil, nas quais se observa uma relação de poder marcada pela desigualdade e submissão das mulheres<sup>(7,11-13)</sup>, sendo que estas relações tem implicações diretas nos processos de significação acerca da gravidez.

A ocorrência da gravidez no contexto das ruas é uma experiência que faz parte do cotidiano dos e das adolescentes que participaram deste estudo. Em relação às garotas, das cinco entrevistadas, uma é mãe e tem histórico de três abortos, duas suspeitavam estar grávidas no momento da entrevista, sendo que uma destas tem histórico de dois abortos, e as outras duas (as mais jovens do grupo com 14 anos) relatam serem amigas próximas de garotas que estão grávidas ou que sejam mães nas ruas.

No grupo dos rapazes, dos oito entrevistados, dois relatam serem pais e outros três relatam que passaram pela suspeita da gravidez de alguma menina com a qual tiveram relação sexual e atribuem a responsabilidade da ocorrência da gravidez, e da contaminação de doenças sexualmente transmissíveis às garotas. Essa atribuição é mais forte e clara no discurso dos jovens, no entanto, percebemos que

implicitamente as garotas também culpabilizam as mulheres pela ocorrência da gravidez, questionando a moralidade das garotas em situação de rua, conforme explícito na fala de uma delas:

*As meninas é muito safada na rua, fica com um, fica com outro...(F3).*

Nestas situações, as adolescentes enfatizam que as "outras" garotas em situação de rua "são safadas", deixando claro em seu discurso que elas não se submetem a estas situações, e contradizendo as situações relatadas por elas mesmas de suspeita de gravidez ou as ocorrências registradas na instituição deste acontecimento.

Estes comportamentos de responsabilização e da ocorrência da gravidez como tarefa do universo feminino, assim como o questionamento da moralidade das garotas como justificativa da não assunção da paternidade refletem o padrão cultural de controle da sexualidade feminina, no qual ao contrário dos homens que têm o exercício da sexualidade estimulado socialmente, para as mulheres é valorizada a inexperiência e o recato sexual<sup>(11-12)</sup>. Além disso, é importante considerar que ao internalizar e propagar os sentidos criados pelos homens em relação a um determinado fato social, as mulheres consolidam e naturalizam um discurso que sustenta a relação marcada pela desigualdade de poder e submissão<sup>(10)</sup>.

As ações de saúde sexual e reprodutiva, necessárias junto a essa população devem ser discutidas no contexto das relações de gênero, que implicam em relações de poder, nas quais, na grande maioria das vezes, o controle social da sexualidade feminina coloca a mulher em uma posição de submissão em relação aos homens. O processo de enfrentamento dessas concepções naturalizadas, tanto por homens como pelas mulheres, perpassa pelo desenvolvimento de estratégias de empoderamento<sup>(15)</sup> destas mulheres em seus contextos reais de vida, que podem contribuir para facilitar e estimular o "caminho de volta", da desfiliação para a vulnerabilidade e quem sabe para a integração.

A construção deste processo perpassa por estratégias que implicam na construção de uma auto-imagem positiva, no desenvolvimento da habilidade para pensar criticamente, na construção da coesão de um determinado grupo social e na promoção da tomada de decisões<sup>(15)</sup>. Em relação ao grupo participante do estudo, percebemos que o desenvolvimento de ações de empoderamento implica, principalmente, no fortalecimento de sua participação nos eixos da inserção relacional e do mundo do trabalho concomitante ao enfrentamento dos processos de atribuição de sentidos em relação ao uso de substâncias e à violência.

A ocorrência da gravidez está intrinsecamente relacionada ao uso inconsistente de preservativos para este grupo de adolescentes. De uma forma geral, apesar destes(as) relatarem o uso de preservativos nas relações sexuais, quando analisamos os discursos como um todo, assim como as ocorrências de doenças sexualmente transmissíveis ou de suspeita de gravidez nos arquivos das instituições, constatamos que o seu uso é inconsistente. Tanto os jovens quanto as jovens atribuem o não uso, considerado por estes como de forma esporádica, ao esquecimento em virtude do uso de drogas:

*Porque na hora das drogas não lembra de nada não (M4).*

No entanto, quando se analisa o discurso das garotas é possível percebermos que o não uso de preservativos se configura, principalmente, nas relações consideradas estáveis, por estas, classificadas como namoros sérios ou "casamento", adquirindo o sentido de uma "prova de confiança" entre os parceiros.

Outro aspecto que nos chamou a atenção foi a observação de que para a maioria das(os) adolescentes, a preocupação com estratégias de sexo seguro se refere muito mais ao medo da contaminação por doenças sexualmente transmissíveis do que à possibilidade de ocorrência da gravidez, conforme ilustra o trecho:

*só no começo agente usava camisinha (...)outras coisas também agente não corre risco não, porque ele também é doador de sangue (F4).*

Esta observação pode ser interpretada com base em diferentes aspectos que se inter-relacionam e configuram um processo de atribuição de sentidos complexo em relação à ocorrência da gravidez para estas adolescentes.

A não preocupação com a possibilidade de gravidez pode estar relacionada à percepção de onipotência característica da adolescência, associada ao desconhecimento do próprio corpo e do processo reprodutivo<sup>(16)</sup>. No entanto, acreditamos que além deste fator, especificamente em relação aos atores deste estudo, esta "não preocupação" com a possibilidade de gravidez se relaciona diretamente aos sentidos atribuídos à maternidade (discutidos posteriormente) e à realidade vivenciada nas ruas e anteriormente em suas famílias. Provenientes de famílias nas quais a gravidez na adolescência faz parte do cotidiano, e vivendo agora em um contexto no qual a sua ocorrência é vivenciada diariamente por amigas e conhecidas, a gravidez se configura como um fato natural e esperado em sua trajetória.

A realização ou ocorrência do aborto também faz parte do cotidiano das e dos entrevistados. Tanto os rapazes quanto as garotas explicitam diferentes métodos utilizados para provocar o aborto (medicamentos, remédios caseiros, introdução de objetos na vagina), sendo que todos representam agravos à saúde da mulher:

*eu achei uns trem lá no banheiro, e ela deve ter machucado muito, com três meses abortar (...) cheguei lá no banheiro ela tava todo no chão, desmaiada, ela quase morreu sangrando, eu peguei, levei ela pro hospital, de lá ela ficou, nunca mais vi (M4).*

O ato de provocar o aborto é condenado pela grande maioria dos e das jovens entrevistados(as), exceto por um dos meninos que relata que pagou o aborto de uma namorada pois não queria ter outro filho. Nesse sentido, enfatizamos a necessidade de pesquisas que se direcionem especificamente para a descoberta e análise dos significados atribuídos ao aborto junto a essa população, uma vez que estas podem contribuir significativamente para o desenvolvimento de ações de promoção da saúde sexual e reprodutiva dos e das adolescentes em situação de rua.

Quando direcionamos a atenção para a maternidade e paternidade, percebemos uma maior dificuldade dos e das adolescentes, em se referirem a paternidade em contraposição a maternidade, o que foi refletido pela



quantidade significativamente menor de dados sobre o primeiro assunto.

Esta dificuldade pode estar relacionada ao fenômeno da "invisibilidade da paternidade adolescente"<sup>(19)</sup>, uma vez que em nossa sociedade a dimensão da paternidade não é um assunto privilegiado de discussão tanto no meio científico como social em geral, em decorrência da maior valorização da tarefa materna no cuidado aos filhos. De uma forma geral, em relação à sexualidade e reprodução, como resultado de estereótipos de gênero, frequentemente se atribui aos homens um papel secundário nos processos reprodutivos, vinculado principalmente ao provimento de recursos materiais, embora estes ocupem uma posição privilegiada de poder ao exercer sua sexualidade<sup>(8)</sup>.

No entanto, acreditamos que em relação aos sujeitos deste estudo, esta dificuldade relaciona-se muito mais à falta de uma referência de figura paterna, realidade vivenciada pela grande maioria destes(as), dificultando a elaboração de concepções sobre a paternidade.

Especificamente em relação à maternidade observamos a existência de concepções idealizadas da figura materna (seja a mãe biológica ou a mulher responsável pelo cuidado direto), que apesar de terem muitas de suas condutas questionadas e não aceitas pelos(as) adolescentes, estas são justificadas pela existência do amor incondicional da mãe. Tanto para as meninas quanto para os meninos a maternidade está relacionada ao cuidado, carinho e educação. Neste aspecto a correlação entre maternidade e cuidado direto ao filho é valorizado por todos(as) os(as) entrevistados(s), sendo que o mesmo não é enfatizado, na mesma proporção em relação ao exercício da paternidade:

*Uma boa mãe é igual todas as mães, cuida, dá carinho, ensina as coisas certas, educação, como se vestir... (M3).*

Estes aspectos apontam para um processo de atribuição de sentidos para a maternidade que se relaciona à imagem presente no imaginário social acerca da "boa mãe tradicional", responsável pelo cuidado direto do filho, pelo estabelecimento de relações baseadas no afeto e pela construção do futuro da prole<sup>(17)</sup>. De uma forma geral, percebemos que as adolescentes compreendem a maternidade como algo intrínseco à natureza da mulher, como parte de sua essência, sem a qual esta não se realiza, corroborando a existência do "mito do amor materno"<sup>(17-18)</sup>.

Neste sentido, a mãe é, idealmente, percebida pelos(as) adolescentes como uma importante fonte de suporte social, apesar dos relatos de relações estabelecidas com as próprias mães caracterizadas na maioria das vezes, pelo distanciamento e mediadas pela violência:

*não dá certo não. Uma porque não tem aquilo de você tá junto, não tem aquele carinho, não tem aquele afeto (M4).*

Especificamente em relação às garotas, o desejo de ser mãe é explicitado por todas as entrevistadas. As garotas que não são mães referem o desejo de terem seus filhos no futuro, no contexto de uma relação baseada no afeto e na qual teriam a apoio do parceiro, uma vez que consideram que na situação em que se encontram teriam muitas dificuldades para cuidar destes. No entanto, ao mesmo tempo, a maternidade aparentemente se configura como um desejo para o presente, mesmo que de forma inconsciente:

*Sei lá, é uma coisa assim que passa pela cabeça e não passa, pensa ai ,a ah vou ter um filho, não dou conta de cuidar nem de mim, (...) meu sonho assim, meu sonho mesmo é ter um filho, com a pessoa que eu amo, o que é meio difícil...(F5).*

Considerando estes aspectos é importante destacar que, conforme também observado em outro estudo com adolescentes mães com experiência de vida nas ruas<sup>(9)</sup>, a maternidade pode representar a possibilidade real do estabelecimento de um vínculo de afeto genuíno, diferente da maioria dos vínculos construídos até então por estas. Percebemos que para estas jovens que vivem em situações de extrema vulnerabilidade social, a maternidade se configura como forma de ascensão e reconhecimento social, tornando-se um projeto desejado e esperado para estas mulheres para as quais outras possibilidades reais de transformações em suas vidas são bastante limitadas.

Outro aspecto observado foi o desejo das adolescentes de estabelecerem com seus filhos relações de cuidado de natureza diferente da que estabeleciam com suas próprias mães, sustentadas principalmente pela violência como método educativo, e de oferecem aos filhos todas as oportunidades que estas não tiveram durante a própria infância:

*meu filho não vai conhecer nada de ruim que eu conheci...(F5).*

A partir das entrevistas, percebemos que a ocorrência da gravidez mobiliza a adolescente a procurar estratégias, fora do contexto das ruas, para lidar com a situação, conforme relata uma das garotas:

*Ai num sei não, num sei não, ah eu ia caçar um jeito de consertar mais a vida né (F4).*

Esta mobilização tem ligação direta com a proximidade do parto, e, se configura pela busca da família ou de instituições que tradicionalmente oferecem suporte nestas situações.

Assim, entendemos que a gravidez, e principalmente a proximidade do parto, representa um momento no qual a adolescente transita da "zona de desfiliação" para a "zona de vulnerabilidade" (no caso de voltar para o contexto familiar) e/ou para a "zona de assistência" (quando ela busca uma instituição). Nestas situações, ocorre um aumento do suporte social oferecido às adolescentes, o que fortalece, pelo menos momentaneamente, o eixo da inserção relacional, possibilitando às adolescentes vivenciarem outras formas de ser e estar no mundo.

Neste sentido, e corroborando outras pesquisas realizadas com este grupo<sup>(9,18)</sup> compreendemos que a gravidez, para estas jovens, muitas vezes se configura como uma possibilidade para a mãe recriar-se, renascer, tornar-se outra pessoa, romper com o passado e construir alternativas que lhe possibilitem, e ao filho, um futuro melhor, sendo então um período fértil para intervenções dos profissionais da saúde, uma vez que a jovem em situação de rua se mostra mais suscetível às ações que motivem a saída deste contexto e a construção de novas alternativas de vida.

Em relação à paternidade, conforme apontado anteriormente, observamos uma dificuldade entre os e as adolescentes de falar sobre esta temática, uma vez que somente dois dos entrevistados, uma garota e um menino, relataram convivência com os próprios pais biológicos. Entre aqueles que têm referência paterna, seja pai biológico ou substituto, é explícito o desejo de uma experiência para o filho diferente da vivenciada, principalmente, no que se refere à utilização da violência como método educativo privilegiado.

De uma forma geral, tanto os garotos quanto as garotas, trazem sentidos que associam a função paterna a um papel secundário no cuidado aos filhos, configurando-se como um apoio para a mãe que assume predominantemente as responsabilidades desta tarefa:

*Um bom pai ta sempre do lado do filho, apoiando seu filho, mãe é 24 horas ali (F5).*

No entanto, as jovens relatam que os homens, no contexto das ruas, geralmente não assumem essa função em relação aos seus filhos, sendo que "assumir" está associado para elas a dar carinho, apoio e bens materiais:

*diz que vai assumir, mas na hora H não assume não (mas o que é assumir?) tem de colocar numa casa, dá te tudo pra mulher (F3).*

Segundo as mesmas, além das meninas de rua terem relações sexuais com muitos garotos, é muito comum que as mesmas mintam que estão grávidas na tentativa de sustentar uma relação afetiva que está acabando. Estas condutas acabam, do ponto de vista das meninas, sendo as responsáveis pela dúvida que o jovem tem acerca da paternidade, justificando a não assunção de seu papel.

Para os garotos que são pais, ou aqueles que suspeitaram da ocorrência da gravidez, esta experiência não trouxe grande impacto em suas vidas, não sendo relatadas mudanças significativas em sua trajetória, o que se reflete na confirmação, tanto pelos garotos como pelas garotas, do comportamento comum de não assunção da paternidade pelos jovens em situação de rua.

Acreditamos que a atitude de não assumir a paternidade não pode ser analisado somente do ponto de vista da normatização em torno da sexualidade<sup>(12)</sup>, e sim, também em relação ao contexto de vulnerabilidade/desfiliação vivenciado pelos sujeitos deste estudo.

Considerando que a construção da masculinidade para este grupo perpassa por valores tradicionais, nos quais a figura do homem provedor é preponderante<sup>(12)</sup> é importante questionarmos que assumir a paternidade, no momento, pode não se configurar como uma alternativa possível para estes jovens, uma vez que para estes, ser pai significaria manter materialmente o lar através da inserção no mundo do trabalho.

Além disso, para este grupo específico não podemos deixar de considerar que além da não inserção no mundo do trabalho, as possibilidades de compensação do eixo relacional também são limitadas, uma vez que suas famílias não têm condições de oferecer o suporte que possibilitaria a assunção da paternidade, e que tradicionalmente a ocorrência desta, não suscita ações institucionais direcionadas para os homens.

Neste sentido, acreditamos que para os garotos deste estudo, o movimento de trânsito da "zona de desfiliação" para a "zona de vulnerabilidade" deve se configurar anteriormente a assunção da paternidade, sendo este estimulado por ações que enderecem outros aspectos relacionados do processo de vulnerabilização, principalmente aqueles relacionados ao eixo do trabalho, considerando a importância atribuída por estes adolescentes, e também socialmente a esta atividade, como constitutiva da masculinidade.

Por outro lado, os adolescentes relatam que no futuro, desejam ser pais, constituindo uma família com uma mulher que não tenha experiência de vida nas ruas, e de terem com o(s) filho uma relação diferente da que tiveram com os seus pais, principalmente no que se refere à violência. Os meninos relatam que desejam oferecer ao filho uma vida melhor e que gostariam de estabelecer uma relação de afeto com estes:

*Um bom pai é o carinho que ele dá pra o filho, dar valor pra ele (...) fazer o que pode pra ele (M3).*

Estes relatos refletem mudanças, ainda que de forma idealizada, na imagem do pai provedor afastado afetivamente do filho, e caracterizam nuances de uma "nova paternidade"<sup>(19)</sup>, representada por uma maior participação do pai no cuidado dos filhos. Estas representações vão ao encontro das concepções preconizadas pelo Ministério da Saúde<sup>(20)</sup>, nas quais se enfatiza que a paternidade não deve ser concebida apenas como obrigação legal, mas, principalmente, como direito do homem de participar de todo o processo, desde a decisão de ter ou não o filho, como e quando tê-los, bem como o acompanhamento da gravidez, do parto, do pós-parto e educação da criança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo objetivamos compreender os sentidos atribuídos a maternidade e paternidade por adolescentes em situação de rua, que vivenciam cotidianamente situações extremas de vulnerabilidade e desfiliação social.

De uma forma geral, percebemos que a situação de vulnerabilidade a que estavam submetidos os(as) participantes do estudo e suas famílias, marcadas pelo desemprego, miséria, violência e uso de drogas, caracterizam um estado de fragilidade acentuada nos eixos do trabalho e da inserção relacional que culminaram na busca do espaço das ruas enquanto alternativa de sobrevivência, e, na passagem da zona de vulnerabilidade para a desfiliação.

Em relação a essa passagem, percebemos que ela não se caracteriza enquanto definitiva. Uma vez que os sujeitos transitam entre uma zona e outra, sendo que no caso dos(as) participantes deste estudo, este trânsito se deu inicialmente da zona de vulnerabilidade que marcava a vida em família, para a zona de desfiliação no contexto das ruas e para a zona de assistência nos espaços institucionais. Salientamos que a possibilidade de transitar da desfiliação para a assistência, garantida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente caracteriza-se enquanto momentos de extrema importância em busca de alternativas à vida nas ruas, configurando-se as instituições de assistência, no caso deste estudo as casas de passagem, enquanto fator de

fortalecimento no eixo da inserção relacional e mediadora do estabelecimento das relações no mundo do trabalho.

Além da presença das marcas da vulnerabilidade/desfiliação em todo o conteúdo de nossos dados, observamos também uma forte influência das relações de gênero, não somente nos aspectos relacionados à sexualidade/reprodução, mas também em relação à vida cotidiana. Percebemos, de uma forma geral, uma valorização dos padrões tidos como hegemônicos em nossa sociedade em relação à identidade masculina e feminina, embora também tenhamos percebido algumas nuances de transformações nestas concepções, pelo menos no nível do ideal.

Especificamente, em relação aos significados atribuídos à paternidade e maternidade para estes(as) adolescentes, percebemos que estas se caracterizam por seu grande potencial de significação e por sua complexidade, na qual aspectos individuais se interrelacionam com o contexto de vulnerabilidade/desfiliação vivenciado e com a forte influência das relações tidas como hegemônicas em nossa sociedade acerca destas experiências.

As experiências de maternidade e paternidade ainda que não vivenciadas, em sua plenitude, por todos os sujeitos de nosso estudo, se caracterizaram enquanto experiências com grande potencial de significação, uma vez que fazem parte do cotidiano das ruas e representando, de uma forma geral, um fator que motiva a transição para a vida adulta. Percebemos, de um modo geral, que os(as) adolescentes trazem sentidos que associam a dimensão da sexualidade, reprodução e cuidado de crianças ao mundo da mulher, sendo ao homem reservado o papel de provedor material e moral da família.

Especificamente, por meio de um recorte de gênero, percebemos que estas experiências têm impacto, ou potencial de impacto, diferente na trajetória dos sujeitos de nossa pesquisa. Para as garotas, percebemos que a maternidade proporciona o fortalecimento do eixo da inserção relacional e impulsiona o trânsito da zona de desfiliação para a zona de vulnerabilidade. Este fortalecimento relacional se dá tanto pelo maior suporte e reconhecimento social oferecido à gestante e mãe, por instituições e/ou família, como pelo estabelecimento de uma relação afetiva com o filho.

Uma vez na zona de vulnerabilidade, observamos que a maternidade pode impulsionar que a jovem busque a construção de outras alternativas de vida, atuando assim como fator propulsor para diminuição desta vulnerabilidade e talvez uma futura inserção social. Entendemos que ações de empoderamento, realizadas junto às jovens grávidas ou com filhos, para as quais muitas vezes, ser mãe se caracteriza como um projeto de vida, tem um maior potencial de efetividade, quando comparadas com jovens não mães, em virtude de uma maior sensibilidade das mesmas à estas ações.

Por outro lado, percebemos que a paternidade para os garotos de nossa pesquisa, não se caracteriza como fator capaz de mobilizar, de forma efetiva, o trânsito da desfiliação para a vulnerabilidade. A partir dos discursos dos sujeitos de nossa pesquisa, percebemos que assumir a paternidade representa uma tarefa que somente é possível após a saída da zona de desfiliação, uma vez, que os sentidos atribuídos à função paterna perpassam principalmente pela função de provedor material, e isto

implica na existência de uma vinculação mínima com o mundo do trabalho.

Neste estudo, não buscamos interpretações dos sentidos que podem ser generalizadas, nem mesmo em relação ao grupo de estudo como um todo, mas a partir da identificação de semelhanças e contradições, foi possível identificar alguns indícios, discutidos anteriormente, que facilitam a elaboração de estratégias de empoderamento direcionadas a esta população.

Neste sentido, enfatizamos que ações de empoderamento implicam em intervenções em nível individual, comunitário e de políticas públicas, de modo a garantir os direitos reprodutivos a adolescentes e jovens para assegurar condições de escolha por ter ou não uma gravidez. Estas devem ser fortalecidas e assegurar informações, métodos contraceptivos e medidas de sexo seguro, além de estratégias de planejamento familiar.

## REFERÊNCIAS

1. Pinzon-Rondon AM, Hofferth S, Briceno L. Children working in the streets of Colombian cities: different pathways to the street lead to different populations. *Child Youth Serv Rev.* 2008;30(12):1417-24.
2. Gontijo DT, Medeiros M. Crianças e adolescentes em situação de rua: contribuições para a compreensão dos processos de vulnerabilidade e desfiliação social. *Cien Saude Colet.* 2009;14(2):467-75.
3. Castel, R. As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. 5th ed. Petrópolis: Editora Vozes; 2005.
4. Rew L, Grady M, Whittaker TA, Bowman K. Interaction of duration of homelessness and gender on adolescent sexual health indicators. *J Nurs Scholarsh.* 2008;40(2):109-15.
5. Thompson SJ, Bender KA, Lewis CM, Watkins R. Runaway and Pregnancy: Risk factor associated with pregnancy in a national sample of runaway/homeless female adolescents. *J Adolesc Health.* 2008;43(2):125-32
6. Gontijo DT, Medeiros M. Adolescência, gênero e processo de vulnerabilidade/desfiliação social: compreendendo as relações de gênero para adolescentes em situação de rua. *Rev. baiana saúde pública.* 2009. 2009;33(4):605-17.
7. Luz AMH, Berne NIO. Processo da paternidade na adolescência. *Rev Bras Enferm.* 2010;63(1):43-50.
8. Brandão Er, Heilborn, ML. Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil. *Cad Saude Publica.* 2006;22(7):1421-30.
9. Gontijo DT, Medeiros M. "Tava morta e revivi": significado de maternidade para adolescentes com experiência de vida nas ruas. *Cad Saude Publica.* 2008;24(2):469-72.
10. Scott JW. El género: una categoría útil para el análisis histórico. In: Lamas M. *El género: La construcción cultural de la diferencia sexual.* México: PUEG, 1996.p.265-302.
11. Traverso-Yepes MA, Pinheiro VS. Socialização de gênero e adolescência. *Estud Fem.* 2005;13(1):147-62.
12. Gomes R. Sexualidade masculina, gênero e saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
13. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 9th ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 2006.
14. Gomes R, Souza ER, Minayo MCS, Malaquias JV, Silva CFR. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. In: Minayo MCS, Assis SG, Souza ER. Avaliação por triangulação de métodos:



- abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2005. p. 185-222
15. Gohn MG. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. Saude soc. 2004;13(2):20-31.
16. Meadows-Oliver M. Homeless Adolescent Mothers: a metasynthesis of their life experiences. J Pediatr Nurs. 2006;21(5):340-49.
17. Badinter E. Um amor conquistado: o mito do amor materno. 9th ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
18. König AB, Fonseca AD, Gomes VLO. Representações sociais de adolescentes primíparas sobre "ser mãe". Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2008 [cited 2010 dec 10];10(2):405-13. Available from: <http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n2/v10n2a12.htm>.
19. Medrado B, Lyra J, Leão LS, Lima DCL, Santos, B. Homens jovens no contexto do cuidado: leituras a partir da paternidade na adolescência. In: Adorno RCF, Alvarenga AT, Vasconcellos MPC. Jovens, trajetórias, masculinidades e direitos. São Paulo: Edusp, 2005. p.241-264
20. Ministério da Saúde. Política Nacional de atenção integral à saúde do Homem. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.

Artigo recebido em 06.03.2010

Aprovado para publicação em 08.11.2010

Artigo publicado em 31.12.2010